

Construção de documentários em sala de aula: um relato de experiência

Construction of documentaries in the classroom: an experience report

Construcción de documentales en el aula: un relato de experiencia

Yasmin Daniella D'Ávila¹  

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

O artigo tem como tema central o ensino de Ciências Humanas a partir da realidade dos educandos, afirmando a importância de um Ensino disruptivo com o eurocentrismo, ou seja, uma prática que valorize os saberes, realidades e histórias locais. Ao longo das páginas se apresenta uma metodologia para a escrita de roteiros de documentários desenvolvida com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, em uma escola do estado do Rio Grande do Sul. A sequência didática foi desenvolvida ao longo dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e dos Itinerários Formativos regulamentados na Lei nº 13.415/2017. O objetivo central é o desenvolvimento de uma metodologia voltada para a escrita de roteiros para documentários de fácil acesso para educadores e estudantes. Constatou-se a aplicabilidade de forma acessível da metodologia por meio de um documentário produzido pelos educandos.

Palavras-chave: Ensino de Ciências Humanas. Ensino de História Local. Teoria do Roteiro.

Abstract

The article's central theme is the teaching of human sciences based on the students' reality, affirming the importance of disruptive teaching with Eurocentrism, which is a practice that values local knowledge, realities, and histories. Throughout the pages, a methodology for writing documentary scripts is presented, developed with a 2nd year high school class, in a school in Rio Grande do Sul. The didactic sequence was developed throughout the curricular components of the area of Human Sciences and Training Itineraries regulated in Law N. 13.415/2017. The central objective is the development of a methodology aimed at writing scripts for documentaries that are easily accessible to educators and students. The applicability of the methods in an accessible way was verified through a documentary produced by the students.

Keywords: Teaching of Human Sciences. Teaching Local history. Script Theory.

Resumen

El tema central del artículo es la enseñanza de las Ciencias Humanas a partir de la realidad de los estudiantes, afirmando la importancia de una enseñanza disruptiva con eurocentrismo, es decir, una práctica que valore los saberes, las realidades y las historias locales. A lo largo de las páginas se presenta una metodología de redacción de guiones documentales, desarrollada con una clase de 2º año de secundaria, en una escuela del estado de Rio Grande do Sul. La secuencia didáctica se desarrolló a lo largo de los componentes curriculares del área de Ciencias Humanas y Itinerarios de Formación regulados en la Ley nº 13.415/2017. El objetivo central es el desarrollo de una metodología orientada a la redacción de guiones de documentales que sean de fácil acceso para educadores y estudiantes. La aplicabilidad de la metodología de forma accesible se comprobó a través de un documental elaborado por los estudiantes.

Palabras clave: Enseñanza de las Ciencias Humanas. Enseñanza de Historia Local. Teoría del guión.

1 Mestre em Ensino de História Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Ensino de Ciências Humanas pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Pesquisadora e professora da Educação Básica na rede pública e privada no estado do Rio Grande do Sul. E-mail: yasminddavila@hotmail.com.



1. Introdução

As atividades aqui descritas fazem parte de minha pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – ProfHistória – cursado na Universidade Federal de Santa Maria nos anos de 2022-2024. Dediquei-me na construção de uma metodologia para a escrita de Roteiros em sala de aula a partir da transposição de dois cineastas, Syd Field e Doc Comparato. Como forma de verificar a aplicabilidade do processo no contexto escolar, desenvolvi uma sequência didática com uma turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica Estado de Goiás, em Santa Cruz do Sul – RS, instituição em que leciono diversos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, entre eles História, Sociologia, Filosofia, Direitos Humanos e Diferentes Culturas, etc.

A sequência didática foi construída em coletivo com os estudantes com o objetivo central de compreender o processo de constituição histórico e sociológico de Santa Cruz do Sul a partir de narrativas distintas, investigando a respeito da realidade local em que os estudantes estavam inseridos.

O município de Santa Cruz do Sul, situado na região central do Rio Grande do Sul, constrói sua história através de diversas narrativas e memórias que perpetuam a ideia de que os imigrantes europeus foram os únicos responsáveis pela formação do seu território. Essa visão hegemônica é refletida tanto na narrativa oficial da cidade quanto nos monumentos históricos, resultando na marginalização e exclusão de outras identidades. Contudo, pesquisas realizadas em várias universidades demonstram que pessoas de diversas etnias também participaram da formação do município². Esses estudos levantam a questão do por que as histórias que incluem outros grupos étnicos são frequentemente esquecidas, levando ao ensino nas escolas da região de uma “história única” (Adichie, 2019).

Os estudos mencionados abordam, em grande parte, o processo de subjetivação dos sujeitos não-brancos em um território dominado por um discurso germânico e como isso se reflete no ambiente escolar³. Ao revisar essas pesquisas, torna-se evidente que, apesar das críticas à narrativa dominante sobre a cidade de Santa Cruz do Sul, outras histórias ainda não são integradas no contexto escolar, que deveria servir como um espaço de construção de identidades e pertencimento. Dessa forma, quando a escola reforça uma única narrativa, isso contribui para mais silenciamentos e invisibilidades. Assim, é essencial desenvolver estratégias plurais que desafiem esse discurso e sejam aplicadas no ambiente escolar para que o ensino possa incluir de maneira mais abrangente as diversas histórias relevantes para os diferentes sujeitos em formação.

A partir de tais reflexões, apresento a seguinte problemática de pesquisa: como ensinar sobre a constituição histórica do município de Santa Cruz do Sul (RS) dialogando com diferentes narrativas e sujeitos que descentralizam uma compreensão reducionista e única de uma localidade? Assim, mostrou-se importante estabelecer uma investigação profunda a respeito da constituição do município. Tal processo foi elaborado em diálogo com os educandos e será exemplificado pela

2 Ver SPINDLER, Guilherme Würdig; RADÜNZ, Roberto; VOGT, Olgário Paulo. Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX. **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, 2016.

3 SILVA, Mozart Linhares; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do Rio Grande do Sul. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. X, nº 1, p. 259-281, mar/2010.

sequência didática apresentada a seguir. Nela, busquei trabalhar fontes primárias e secundárias que abordassem a construção do município a partir de distintos grupos étnicos. Logo, o tema central desta pesquisa é o ensino das localidades, não apenas no âmbito histórico, mas dialogando com distintos componentes curriculares da área de Ciências Humanas, com o recorte histórico, sociológico e geográfico de Santa Cruz do Sul (RS).

Na seção a seguir, descrevo a transposição pedagógica realizada na construção de uma metodologia para a roteirização de documentários a partir dos escritos de Syd Field e Doc Comparato. Na seção 3, resultados e discussões, abordo como foi o trabalho em sala de aula a partir da metodologia, descrevendo os materiais utilizados para a investigação a respeito do município de Santa Cruz do Sul. As análises são concluídas com considerações a respeito do trabalho desenvolvido e a realidade de construir não só roteiros e documentários, como qualquer outra metodologia em sala de aula.

2. Metodologia: Teoria do Roteiro e a transposição para as salas de aula

As atividades mencionadas neste artigo foram realizadas durante o 1º e o 2º trimestres do ano letivo de 2023, em coletivo com componentes curriculares de História, Sociologia e Direitos Humanos e Diferentes Culturas. Após as investigações teóricas e os seus consequentes diálogos reflexivos, os educandos foram incentivados a escrever roteiros de documentários para futuramente, sem a necessidade de conclusão, pois se considera a trajetória de pesquisa histórica para a realização desse roteiro como um projeto, dentro das possibilidades que dispunham, gravar o filme.

A construção de documentários é realizada com frequência por educadores e estudantes em salas de aula de todo o Brasil. Essa é uma tarefa complexa e que, muitas vezes, requer um grande estudo por parte dos professores no sentido de pensar estratégias para propor aos educandos, além de, algumas vezes, lidar com a falta de recursos, realidade de muitas escolas.

Meu interesse em pesquisar uma metodologia para a construção de documentários em sala de aula se deu com enfoque na escrita do roteiro, pois percebi, em minha prática docente, que é necessária uma forma concisa de organizar a escrita que dará base para qualquer projeção futura do documentário, e não propor a realização das gravações logo no primeiro momento. E há muitas formas de concretizar essa escrita, por isso, meu objetivo foi sintetizar um “passo a passo” prático e que possa ser usado em distintas situações no contexto escolar.

As transposições metodológicas descritas a seguir são baseadas nas ideias de dois roteiristas em três de suas obras: *Manual do Roteiro* (2001), *Os Exercícios do Roteirista* (1984) e *Da Criação do Roteiro: Teoria e Prática* (2009). O intuito foi conectar a Teoria do Roteiro e a estrutura proposta por Syd Field com as análises de Doc Comparato sobre documentários.

Segundo Field, o ponto de partida para a escrita de um roteiro é o assunto. É fundamental que o autor compreenda claramente o tema e a estrutura a ser explorada. Field sugere que a ideia central do roteiro seja sintetizada em três ou quatro linhas, funcionando como um guia durante todo o processo de criação. Essa abordagem é conhecida como paradigma ou estrutura, e Field afirma que “A estrutura é o elemento mais importante no roteiro. É a força que mantém tudo coeso; é o esqueleto, a espinha, a fundação. Sem estrutura, você não tem história, não tem roteiro” (Field,



1984, p. 12). A estrutura se divide em três atos: Ato I, Ato II e Ato III, ou de forma mais simples, início, meio e fim.

No Ato I são apresentados o contexto, a problemática e a(s) personagem(ns) principal(is) e suas relações com outras personagens. O Ato II desenvolve os eventos da trama, incluindo obstáculos ou situações enfrentadas pelas personagens. O Ato III resolve a história, oferecendo uma resposta à trama, mas não necessariamente encerrando-a. Entre os Atos I e II, e entre os Atos II e III, há transições chamadas de “Pontos de Virada I e II”, que preparam o terreno para a próxima fase (Field, 2001; Field, 1984).

Field também menciona que, em produções audiovisuais, uma página de roteiro equivale a aproximadamente um minuto de projeção (Field, 1984; Field, 2001). O roteiro segue uma formatação tradicional, que inclui a indicação de tempo e lugar no início das cenas, parágrafos duplos na descrição e falas centralizadas. No entanto, para a elaboração de roteiros em sala de aula, não é necessário seguir rigidamente essa formatação, pois ela é mais adequada para quem já está familiarizado com a escrita de roteiros.

Elaborar roteiros com a abordagem de Field permite explorar uma variedade de temas em sala de aula. O primeiro passo é definir uma problemática a ser investigada. A partir daí, é importante considerar as “personagens” envolvidas, que podem incluir tanto pessoas quanto instituições e movimentos sociais.

O segundo passo é decidir como o tema será apresentado no roteiro, ainda no Ato I. A questão será demonstrada por imagens? Será evidenciada por meio de narração ou deixada para conclusão do leitor/telespectador? A transição do Ato I para o Ato II (da Apresentação para a Confrontação) é flexível. No Ato II, a problemática deve ser explorada em profundidade pelos alunos, considerando sua origem, apresentação atual, consequências e implicações. O professor pode orientar os alunos em métodos de pesquisa, análise de fontes ou entrevistas na comunidade.

Finalmente, o terceiro bloco é a Resolução, onde os alunos devem apresentar uma solução para a problemática desenvolvida. Embora as “resoluções” nas Ciências Humanas sejam frequentemente complexas, uma exploração detalhada no Ato II é essencial. A resolução pode ser uma ação já existente na comunidade ou uma proposta inicial dos alunos, como um evento de conscientização na escola.

Por último, a avaliação por pares (Comparato, 2009) permite que os alunos compartilhem seus roteiros com os colegas, expondo seus processos e desafios, e recebendo *feedback*. Essa etapa não precisa ocorrer apenas no final, mas pode e deve ser realizada ao longo do desenvolvimento do projeto, para que os alunos possam colaborar e refletir sobre seus temas de forma coletiva.

Quadro 1: Teoria do Roteiro em sala de aula

Ação	Professor	Estudantes
Pré-problemática	Seleção de fontes e trabalhos acadêmicos que possam dar suporte para a análise do contexto exposto. Escuta e acolhida dos saberes e realidades dos educandos. Evidenciar o “passo a passo” a ser realizado nessa metodologia de escrita por roteiro.	Participação nas análises e busca por relacionar com seu cotidiano.
Formular a Problemática Ato I	Orientar e dar suporte para que as e os estudantes analisem a sua comunidade, dialogando sobre as possibilidades dentro da pesquisa histórica.	Pensar a sua realidade a partir do contexto analisado nas aulas. Dialogar com colegas e educadora ou educador sobre as possibilidades que vislumbra.
Contexto Ato II	Auxiliar as e os educandos na seleção dos métodos de pesquisa e na maneira de interpretar as fontes. Possibilitar que os (as) educandos (as) tenham contato com fontes e produções acadêmicas a partir das problemáticas pensadas pelos jovens.	Interpretar fontes e produções acadêmicas visando explorar contextos e hipóteses que possam surgir a partir da problemática.
Considerações - resolução Ato III	Investigar em coletivo com os educandos ações na comunidade que possam dar suporte para a problemática do roteiro ou construir com os jovens ações próprias.	Apresentar uma pequena resolução para a problemática do roteiro, sendo uma possibilidade pensada pelo grupo ou ação já existente na comunidade.
Avaliação por pares	Mediar os diálogos entre os grupos.	Auxiliar os colegas com suas pesquisas a partir do seu olhar individual. Expor o processo de construção do seu roteiro para os demais grupos.

Fonte: D'Avila (2024).

O quadro acima foi norteador na aplicabilidade da metodologia em sala de aula, sendo consultado em diversos momentos já que é uma síntese das tarefas a serem realizadas. Contudo, ficou evidente que apenas com base na metodologia não se constrói roteiros ou documentários. É necessária uma investigação profunda e concreta do que se deseja ser analisado. Na seção a seguir – resultados e discussões – apresento as atividades desenvolvidas em aula e como a metodologia viabilizou o produto final da sequência didática: documentários produzidos pelos educandos.

3. Resultados e Discussões: Aplicação da Teoria do Roteiro em sala de aula

O foco desta sessão é apresentar uma sequência didática desenvolvida com base na adaptação dos métodos para a escrita de roteiros propostos por Syd Field e Doc Comparato, como discutido anteriormente. As atividades descritas foram realizadas no 1º e 2º trimestre de 2023, com uma turma do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica Estado de Goiás, situada entre as ruas Carlos Trein Filho e Júlio de Castilhos, no bairro Goiás, em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. A escola é uma das maiores da rede estadual no município, oferecendo uma infraestrutura completa com 18 salas de aula, biblioteca, ginásio, quadra de esportes, laboratório de informática, e salas de Direção e Vice-Direção, Orientação e Supervisão Escolar.

Em 2024, a instituição atende 1.012 alunos divididos em 39 turmas, das quais 14 são do Ensino Médio, com uma média de 35 alunos por turma, nas quais leciono. Na turma em questão,



leccionei História, Sociologia e Direitos Humanos e Diferentes Culturas, parte do Itinerário Formativo “Cidadania, Comunicação e Relações Interpessoais”, que os alunos escolheram no 1º ano, conforme a Lei Nº 13.415/2017 do Novo Ensino Médio, que reformula a formação geral e estabelece trilhas de aprofundamento.

O Itinerário Formativo “Cidadania, Comunicação e Relações Interpessoais” inclui três componentes: dois de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e um de Linguagens. Com as mudanças do Novo Ensino Médio, professores de Ciências Humanas têm se adaptado a novos componentes curriculares. Por isso, as atividades foram realizadas não apenas nas aulas de História, Sociologia ou Geografia, mas também em conjunto com o componente de Direitos Humanos e Diferentes Culturas, que oferece três horas/aulas semanais, permitindo uma abordagem prática mais detalhada.

O componente curricular de Direitos Humanos e Diferentes Culturas incluía “sugestões” para debates sobre temas como “realidade local e diversidade cultural”, abordando aspectos como “Identidades culturais; Grupos étnicos; formação das comunidades e processos de colonização”, além de conceitos fundamentais das humanidades, como “Antropologia e Cultura; Expressões Culturais; Patrimônio material e imaterial” (Rio Grande do Sul, 2022).

Com base nesses temas, as atividades foram planejadas para desenvolver duas habilidades principais: “(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com o objetivo de compreender ideias filosóficas e processos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais” e “(EM1FCHS01) Investigar e analisar situações-problema relacionadas a temas históricos, sociais, econômicos, filosóficos, políticos e/ou culturais, em níveis local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diversas mídias” (Rio Grande do Sul, 2022).

A sequência didática começou no 1º trimestre, com uma introdução sobre a história de Santa Cruz do Sul. Aos estudantes foram apresentados os aspectos gerais sobre a formação do município, de acordo com uma visão histórica “tradicional” e amplamente aceita e divulgada em diferentes instâncias sociais. Construí um material para projeção aos estudantes onde dialogamos sobre os objetivos e o processo de divisão dos lotes no início da colonização, a partir de 1849, e incentivo à imigração europeia para o município de Santa Cruz do Sul, na época distrito de Rio Pardo. Foram descritos tópicos a respeito da formação política da cidade, sua elevação à categoria de vila, freguesia etc., e a emancipação de seus distritos, atualmente municípios vizinhos.

Os estudantes foram instigados a pensar brevemente sobre como o imigrante branco europeu é valorizado nessa narrativa, tendo como suporte o hino municipal, onde se observa a seguinte narrativa:

Por sobre as nossas lindas terras/ Loiro imigrante andou/ Transpôs as nossas verdes serras/ E longe do lar chorou... chorou!/ Mas, nosso dadivoso chão,/ Como enorme coração,/ Desvendou-lhe a sorrir/ Mil promessas de provir./ Deus te salve, terra amiga,/ Santa Cruz fiel,/ Santa Cruz gentil,/ Onde reina a Paz,/ Onde brilha a Luz,/ Sob o lenho de Jesus!/ Ao sol ardente destes céus/ Acenderam-se os ideais/ Nas forjas surgem os troféus/ E na campina em flor as catedrais/ E foi brotando deste afã/ Da bravura alemã/ A cidade crente e santa/ Que sua Cruz ao sul levanta. (Borowsky; Rech, 1963).

A partir de uma rápida análise do hino municipal, percebe-se que apenas uma única narrativa a respeito da “construção” do município é vinculada, bem como uma valorização de características dessa comunidade: aspectos morais, físicos, religiosos, etc. Importante mencionar que o objetivo da atividade foi possibilitar que os educandos chegassem às suas conclusões a partir das fontes analisadas, não que recebessem a informação de forma pronta e conclusa.

Com as proposições feitas até então, os estudantes foram convidados a discutir três questões principais: o conhecimento que possuem sobre a formação de sua cidade; a relação entre a narrativa histórica de Santa Cruz do Sul e a diversidade que observavam no seu cotidiano; e como se percebiam nessa narrativa. Além disso, exploramos os bairros dos estudantes, onde cada um revelou aspectos positivos e negativos da sua realidade.

Tive como referência, para a montagem do recurso didático e as questões levantadas no momento, as informações obtidas no site oficial da Prefeitura de Santa Cruz do Sul, no IBGE Cidades, além de dois artigos científicos, sendo eles: *Imigração alemã e fumicultura: A colônia de Santa Cruz do Sul (RS) no período imperial*, do historiador Carlos Gabriel Costa e *História e Identidade em uma Cidade de Colonização Alemã no Sul do Brasil: O caso de Santa Cruz do Sul*, de Matheus Silva Skolaude.

É essencial mencionar que a turma contava, no momento de realização da sequência didática, com 27 alunos de bairros periféricos como Bom Jesus, Várzea, Senai e Renascença, contrastando com a maioria da escola, que atende alunos da área central. Muitos alunos trabalhavam como *Jovem Aprendiz* ou estagiários, equilibrando suas atividades escolares e profissionais. Cada estudante, a sua maneira, vivenciava a cidade e, de alguma forma, compreendia as incoerências entre o discurso vigente e a realidade dos bairros, tanto periféricos quanto centrais, analisando inclusive a infraestrutura desses distintos territórios. Importante ressaltar que a liberdade para a construção de saberes a partir do que era observado pelos educandos além do espaço escolar foi importante, de forma que na escola se construa suporte teórico para o cotidiano.

Após isso, os alunos foram divididos em trios para analisar fragmentos de relatos históricos, onde são retratadas as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, a menção a conflitos com indígenas e quilombolas, os discursos sobre a importância dos imigrantes para o município, conforme exemplos a seguir:

Assim vencem, trabalhando, esses pioneiros da disciplina, da laboriosidade e dos costumes alemães, penetrando cada vez mais nas selvas, de elevação em elevação, de vale em vale, de serra em serra, de rio em rio! [...] Essa é a missão dos alemães, o seu dever, a sua vontade; que Deus os ajude a realizá-la! (Avé-Lallemant, 1980, p. 55).

“(...) é verdade o que o suplicante alega em seu requerimento, e que no mesmo caso se achão mais de cincoenta posseiros do dito lugar, que além de ignorarem as disposições da lei [de terras] e do regulamento respectivo, que tratão da obrigação de fazer registrar as terras existentes no domínio particular, a fim de poderem ser legitimadas, achão-se n’hum estado de extrema pobreza, incapazes de pagarem a multa e muito menos as despesas de medições, que este juiz o foi gratuitamente para todos aquelles, que não possuem meios. O povo dos Hervaes d’este Municipio é pobre, porém laborioso, devendo-se attribuir o estado de atrazo dos respectivos moradores á circunstancia de grande distâncias dos centro de consumo e permuta e de não existirem caminhos, que merecem este nome. (Juiz comissário Frederico Guilherme Bartholomay, 1879. In: Menezes, 2005).



Os trios deveriam ler e analisar os fragmentos e organizar anotações a respeito das datas mencionadas e os principais aspectos. As anotações foram compartilhadas e discutidas em aula com toda a turma. Em seguida, os alunos analisaram dois outros documentos importantes: o *Recenseamento de 1872* e o artigo *Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX* de Guilherme Spindler e outros autores. Tais documentos foram essenciais para compreender a formação histórica do município pois afirmam a presença de pessoas escravizadas nesse processo, informação que ainda é negligenciada por muitos indivíduos quando escrevem ou mencionam a história de Santa Cruz do Sul. Como já afirmado, o objetivo desta investigação é compreender esse processo histórico que apresenta resquícios também na atualidade a partir de uma visão não-eurocêntrica e da valorização de pessoas não-brancas na comunidade.

Assim, trabalhamos a habilidade “(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas” e, como resultado das discussões preliminares, decidiu-se que a narrativa sobre a formação de Santa Cruz do Sul também deveria refletir a diversidade e a realidade cotidiana dos estudantes. Isso porque a narrativa predominante frequentemente exclui a participação de pessoas negras, mulheres, agricultores empobrecidos e descendentes de indígenas. Os estudantes demonstraram grande envolvimento com essa conclusão, uma vez que muitos se identificavam com os grupos minoritários e não se viam representados nas narrativas dominantes sobre a imigração europeia, apesar de vivenciarem contextos em seus bairros onde há expressiva representatividade.

Para melhor compreensão da sequência didática aqui apresentada, faz-se necessário o quadro a seguir:

Quadro 2: Síntese das atividades desenvolvidas

Atividade desenvolvida	Horas/aulas
Apresentação sobre a	2h/aulas
Diálogo sobre o que os estudantes sabem sobre a história do município e o que observam em seu cotidiano a partir da realidade de seus bairros	3h/aulas
Leitura e análise dos fragmentos e relatos em grupos de trabalho	4h/aulas
Compartilhamento das informações entre os colegas da turma	2h/aulas
Análise do Recenseamento de 1872 e leitura do artigo científico	2h/aulas
Diálogo e fechamento da discussão buscando a construção de uma conclusão	2h/aulas
	15h/aulas

Fonte: Autora (2024)

A primeira parte da sequência didática foi então concluída à medida que os estudantes se aprofundaram no contexto abordado. A partir daí, o foco estava no desenvolvimento da segunda habilidade proposta, “(EMIFCHS01) Investigar e analisar situações-problema relacionadas a temas históricos, sociais, econômicos, filosóficos, políticos e/ou culturais, em nível local, (...) considerando dados e informações disponíveis em diversas mídias”. Os estudantes foram desafiados a identificar questões relevantes em suas próprias realidades, formando grupos de seis pessoas. Esse processo recebeu especial atenção e se estendeu por três períodos de aula, já no encaminhamento das atividades finais do trimestre. Cada grupo escolheu uma problemática-base para investigar, que pudesse refletir algum aspecto observado na cidade. Por exemplo, um dos problemas identificados

pelos estudantes foi: “A visão negativa sobre o bairro Bom Jesus em relação à população local e ao contexto histórico da fundação do bairro.”

Depois, apresentei aos estudantes o modelo de construção de roteiro de Syd Field, conforme detalhado na seção anterior. Exibi e expliquei a estrutura de Apresentação, Confrontação e Resolução. Instruí os educandos a iniciar o roteiro com a apresentação da problemática, seguindo para o desenvolvimento e exploração do tema, conforme a fase de Confrontação de Syd Field. No final, os estudantes deveriam propor soluções ou examinar soluções já existentes, de acordo com a etapa de Resolução da metodologia. A construção do roteiro foi realizada ao longo de três semanas, totalizando 9 períodos de 50 minutos.

Para compreendermos melhor a dinâmica de organização da segunda etapa da sequência didática, segue o quadro:

Quadro 3: Síntese das atividades desenvolvidas–produção dos roteiros

Atividade desenvolvida	Horas/aulas
Debate nos grupos de trabalho e construção das problemáticas	3h/aulas
Apresentação da metodologia para estruturação dos roteiros	2h/aulas
Escrita do roteiro	9h/aulas
Feedback dos roteiros pelos demais grupos da turma	2h/aula
Execução dos documentários - a depender das demandas do grupo	9h/aulas (estimativa)
	25h/aulas

Fonte: Autora (2024)

Com os roteiros de documentários prontos, foram organizados *feedbacks* por pares, amparando-se nos escritos de Doc Comparato acima mencionados. Os educandos iniciaram então o processo de gravação e edição dos documentários. Durante todo o processo foi comentado a respeito da experimentação, ou seja, a atividade tinha um cunho pedagógico, de forma que a investigação e as proposições feitas na produção teriam um valor considerável, não apenas o produto em si.

Cada grupo de educandos construiu modos de fazer documentários diferentes, com temáticas distintas sobre sua cidade. Alguns realizaram entrevistas com entidades e setores administrativos, outros focaram em moradores e vizinhos de bairros e etc. Durante todo o desenvolvimento, acompanhei os estudantes em suas conclusões e também na organização prática das tarefas que iam desde estruturar entrevistas até fornecer autorizações e ofícios por parte da escola.

A entrega dos documentários se deu ao fim do 2º trimestre, ou seja, o contexto e as abordagens que possibilitaram as reflexões ocorreram no 1º trimestre, bem como a escrita dos roteiros. Já a execução das gravações e edições se deu no 2º trimestre. Importante salientar que os grupos, na segunda parte da sequência didática, trabalharam em sala de aula com autonomia na organização de tarefas, bem como não foram disponibilizadas todas as aulas, havendo momentos em que temas fora desta sequência didática eram abordados.

Como conclusão, foi produzido um documentário, por um dos grupos, abordando as visões pejorativas sobre bairros periféricos. O documentário, de quatorze minutos, exhibe a realidade cotidiana dos bairros, com a autorização dos responsáveis, conforme Termo de Autorização de Uso



de Imagem e Voz. A produção demonstra a capacidade dos alunos de analisar e comparar fontes e narrativas, bem como investigar temas históricos e culturais, refletindo os objetivos da sequência didática. A experiência ofereceu aos alunos a oportunidade de expressar e divulgar suas perspectivas de maneira criativa e reflexiva.

4. Considerações finais

Elaborar um roteiro em sala de aula coletivamente com os educandos não significa necessariamente que ele será gravado ou executado. É fundamental que professor e estudantes avaliem quais recursos e condições estão disponíveis antes de traçar os objetivos. Na Educação Básica, o objetivo não é criar documentários, curta-metragens ou *podcasts* com profissionalismo, mas sim trabalhar com o que o ambiente escolar oferece. Essa abordagem é compreendida por todos os docentes que vivenciam o “chão da escola”, principalmente quando falamos em instituições públicas.

Dentro desta perspectiva, acredito que é fundamental desenvolver metodologias que sejam viáveis, bem como adaptar práticas que outros colegas desenvolvem. Colocar em prática o que nos é viável, misturar metodologias, inventar novas práticas. O objetivo quando se escreve esse tipo de trabalho é que ele chegue e possa, de forma modesta, inspirar outros colegas em suas adaptações e criações.

Retomando as bases metodológicas desta investigação, a problemática precisa ser revista: como ensinar sobre o município de Santa Cruz do Sul (RS) dialogando com diferentes narrativas e sujeitos que descentralizam uma compreensão reducionista e única do município? Ao fim dessa escrita, é conclusivo que a seleção de fontes primárias e secundárias, bem como sua análise em sala de aula, é importante. Fontes diversificadas, que busquem um amplo panorama das realidades locais, além de relacionar as reflexões com as observações dos estudantes. A metodologia para a escrita de roteiros e realização de documentários é uma possibilidade de envolver os educandos a partir de elementos que os mesmos desejam investigar, mas não é única, inúmeros outros caminhos se apresentam.

Dando continuidade, no que se refere ao objetivo central, tínhamos o desafio de “compreender o processo de constituição histórico e sociológico de Santa Cruz do Sul a partir de distintas narrativas”. A partir da fala introdutória de um dos documentários produzidos pela turma, é possível concluir que houve uma investigação profunda da formação do município, bem como contestações às narrativas hegemônicas, quando um grupo de educandos menciona que *“Santa Cruz do Sul é muito vista como uma cidade majoritariamente alemã (...) mas a verdade é que não é bem assim. Temos diferentes culturas, povos e modos de vida aqui nessa cidade pequena”*. (Estudante R., 2023).

Além do objetivo central, conseguimos enquanto turma desenvolver duas importantes habilidades: identificar e comparar diferentes fontes e narrativas e, a partir disso, analisar situações-problema relacionadas a temas históricos e sociais em nível local.

Assim, é fortalecida a compreensão de que o principal propósito da História no ambiente escolar é subsidiar a compreensão dos processos sociais, culturais, políticos e econômicos que afetam nossa realidade presente. Esse entendimento deve ser abordado em uma perspectiva global, sem se limitar a uma visão eurocêntrica, e deve englobar tanto o contexto nacional quanto o local.

É crucial reconhecer o papel que cada um desempenha no mundo e entender as experiências vividas por sua família e comunidade, especialmente quando essas experiências envolvem exclusão e silenciamento histórico.

5. Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

BOROSWKY, Elisa Gil; RECH, Lindolfo. Hino oficial de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: 1963.

BRASIL. **LEI Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em 01 abr. 2024.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao Roteiro: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

COSTA, Carlos Gabriel. Imigração alemã e fomicultura: A Colônia de Santa Cruz (RS) no Período Imperial Brasileiro. **Spartacus**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1. Disponível em: <http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/costa_carlos_gabriel.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

D'AVILA, Yasmin Daniella. **A Teoria do Roteiro como uma possibilidade metodológica para o Ensino de História**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Mestrado Profissional em Ensino de História, 2024. Dissertação (mestrado).

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FIELD, Syd. **Os exercícios do roteirista**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1984.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1872**. Rio de Janeiro, IBGE, 1872.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Santa Cruz do Sul, RS**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>. Acesso em 06 ago. 2024.

MENEZES, João Bittencourt de. **Município de Santa Cruz**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. **Itinerários Formativos: Área Focal Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**. 2022.

SANTA CRUZ DO SUL. **Prefeitura Municipal**. Disponível em: <https://www.santacruz.rs.gov.br/geo/historia/>. Acesso em 06 ago. 2024.



SILVA, Mozart Linhares; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do Rio Grande do Sul. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10 n. 1, p. 259-281, mar/2010.

SKOLAUDE, Mateus Silva. **História e Identidade em uma Cidade de Colonização Alemã no Sul do Brasil**: O caso de Santa Cruz do Sul. Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística. Ano III, n.06, v. 1, 2010.

SPINDLER, Guilherme Würdig; RADÜNZ, Roberto; VOGT, Olgário Paulo. Escravos na povoação de Santa Cruz na segunda metade do século XIX. **Revista Jovens Pesquisadores**, Santa Cruz do Sul, 2016.

Como citar – ABNT

D'AVILA, Yasmin Daniella. Construção de documentários em sala de aula: um relato de experiência. **Revista Poiesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 22, e2024009, Dezembro, 2024. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74814>

Como citar – APA

D'Avila, Y. D. (2024). Construção de documentários em sala de aula: um relato de experiência. *Revista Poiesis Pedagógica*, 22, e2024009. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74814>

Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 25 de agosto de 2024.

Aprovado: 22 de novembro de 2024.

Publicado: 22 de dezembro de 2024.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Yasmin Daniella D'Avila; **Introdução ou Considerações iniciais:** Yasmin Daniella D'Avila; **Referencial teórico:** Yasmin Daniella D'Avila; **Metodologia:** Yasmin Daniella D'Avila; **Análise de dados:** Yasmin Daniella D'Avila; **Discussão dos resultados:** Yasmin Daniella D'Avila; **Conclusão ou Considerações finais:** Yasmin Daniella D'Avila; **Referências:** Yasmin Daniella D'Avila; **Revisão do manuscrito:** Yasmin Daniella D'Avila; **Aprovação da versão final publicada:** Yasmin Daniella D'Avila.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poiesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poiesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (**Open Access**) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (**Article Processing Charges – APCs**). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.



Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço **Similarity Check** da Crossref.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (**Double blind peer review**).

Editora

Cláudia Tavares do Amaral

Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.

**Publisher**

Este artigo foi Publicado na **Revista Poiesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão - UFCAT**. A Revista Poiesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poiesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.

